



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Nitrini, Ricardo; Caixeta, Leonardo

Teoria da Mente: Uma Revisão com Enfoque na sua Incorporação pela Psicologia Médica

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815112>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Teoria da Mente: Uma Revisão com Enfoque na sua Incorporação pela Psicologia Médica

Leonardo Caixeta^{1,2,3}

Ricardo Nitrini

Universidade de São Paulo

Resumo:

Um constructo nascido da psicologia cognitiva e que se refere à capacidade de atribuir estados mentais a outros, denominado Teoria da Mente, tem sido exportado para outros campos do saber e tem sido mais recentemente incorporado pela psicologia médica com a pretensão de explicar determinadas alterações de comportamento que os distúrbios como o Autismo Infantil, Esquizofrenia e Psicoses afins. Esta incorporação trouxe a necessidade de metodologias que possam mensurar e definir a Teoria da Mente em termos neurobiológicos. Nos obtemos a descrição dos mecanismos pelos quais a Teoria da Mente tem contribuído para o esclarecimento de alguns fenômenos. Tenta-se arrolar as dificuldades metodológicas associadas a tal empreendimento. Antes disto, uma revisão geral é feita, proporcionada enfocando os aspectos mais relevantes do constructo. Existem poucos trabalhos nesta área, mas a qual justificamos a reflexão conduzida.

Palavras-chave: Teoria da mente; Autismo; Esquizofrenia.

Theory of Mind: A Review with Focus on its Incorporation into Medical Psychology

Abstract:

A concept derived from cognitive psychology which refers to the ability to impute mental states to the minds of others, known as Theory of Mind, has been disseminated to other fields of knowledge and has been more recently incorporated into medical psychology with the intention of explaining behavior disturbances that constitute the core features of conditions such as Infantile Autism, Schizophrenia and related Psychosis. Such incorporation has given rise to the need for a neurobiological methodological approach to measure and define Theory of Mind in neurobiological terms. The aim of this article is to describe the mechanisms by which Theory of Mind has been contributed to the elucidation of some mental phenomena. An attempt is made to list the methodological difficulties related to this attitude. Before that, a general review is provided, focusing on the more relevant aspects of this concept. There are a few articles in Brazil about this theme, but the work is justified.

Keywords: Theory of mind; autism; schizophrenia.

Segundo Delay e Pichot no seu *Manual de Psicologia* (1982, p. 30), a Psicologia Médica é a psicologia aplicada aos problemas apresentados pela medicina. Neste sentido, ainda segundo estes autores, constitui uma psicologia aplicada, relacionada ao domínio da psicologia patológica e, nesta qualidade, sempre esteve tradicionalmente ligada

p. 971), classifica a Psicologia Médica como uma composta, que se nutre da psicologia clínica e de vários aspectos das ciências médicas. A Psicologia Médica é a psicologia em seus diferentes aspectos, que se aplica ao domínio médico e isto se faz dentro da Psicologia Médica.

evidências. Antes, porém, pretendemos oferecer àqueles menos familiarizados com a Teoria da Mente uma rápida revisão de alguns de seus aspectos mais relevantes. Estes constituem nossos objetivos.

Aspectos Históricos e Conceituais da Teoria da Mente

Para podermos inferir a respeito dos estados mentais dos outros faz-se mister que estejamos equipados com uma habilidade que nos permita desenvolver uma medida (isto é, um sistema de referências que viabilize comparações entre nosso mundo interno, subjetivo e o mundo externo, dos outros) daquilo que os outros pensam, sentem, desejam, acreditam, duvidam. Esta capacidade foi denominada “Teoria da Mente” (Premack & Woodruff, 1978). Segundo estes autores, que inclusive introduziram o termo nas ciências cognitivas, um indivíduo tem uma Teoria da Mente se ele impõe estados mentais para si mesmo e para os outros e estes mesmos autores completam que um sistema de inferências desta natureza é apropriadamente visto como uma “teoria” porque tais estados não são diretamente observáveis e o sistema pode ser usado para fazer previsões (teorizações) sobre o comportamento dos outros.

Alguns autores, limitados pela necessidade de criar metodologias que permitam acessar esta habilidade em trabalhos empíricos, terminam por equivaler um constructo tão complexo ao que, na verdade, corresponderia a apenas alguns de seus aspectos constituintes. É assim que em muitos trabalhos encontramos a equivalência entre atribuição de intenções e Teoria da Mente, ou entre bom desempenho nas provas de crenças falsas e Teoria da Mente.

Primateologistas e etologistas (algumas das categorias profissionais que mais estudam esta habilidade cognitiva) utilizam uma variedade de termos como sinônimos da Teoria da Mente. Entre eles estão “Inteligência Maquiavélica”, “Meta-representação”, “Metacognição”, “Leitura Mental”, “Atribuição de Estados Mentais”, “Pan-Mentalismo”, “Poder de Fazê-lo” (Hinde, 1982). Cabe

abordando e focalizando à sua maneira o tema bem como se aproveitando dele para clarificar então obscuros dentro de cada uma das ciências psicológicas. Foi assim que a psicologia cognitiva melhor e inclusive dar um nome para abordar os complexos campos de interesse. Foi também a psicologia do desenvolvimento ganhou um nome sobre o qual se poderia assistir o desenvolvimento por um outro enfoque, que não o psicanalítico, por exemplo. Foi assim que a psicologia evolutiva pôde estreitar ainda mais suas relações com a antropologia e a primatologia.

A psicologia cognitiva constitui praticamente o campo de onde surgiu a Teoria da Mente. No final da década de 70 do século XX surgiram diversas teorias que explicavam a cognição animal e, a partir de uma definição de animal que cunhado o termo Teoria da Mente a qualificação de animal. A definição mais amplamente utilizada é a de animal social. Desde então, a psicologia cognitiva dedicado a desenvolver vários modelos para explicar a Teoria da Mente, como por exemplo o modelo de Schatzman (1996) que postula a existência de módulos cerebrais interagindo para produzir o sistema de Teoria da Mente” do ser humano: o módulo de intencionalidade, o detetor da direção do olhar, o módulo da atenção compartilhada e o módulo da Teoria da Mente. Cada um destes módulos é, de fato, uma estrutura psicológica cognitiva, relativamente independente e serve funções específicas, porém pode interagir entre si e contribuir para a produção, em última instância, do já mencionado sistema de Teoria da Mente. O módulo detetor de intencionalidade constituiria um aparato perceptivo capaz de detectar estímulos móveis em termos de deslocamento paralelo, o detetor da direção do olhar detectaria a direção do olhar, o módulo da atenção compartilhada seria o encarregado da interpretação do que está sendo visto e o módulo da Teoria da Mente formularia a seguinte questão: “Em que direção o animal que está deslocando-se no meu campo visual está dirigindo seu comportamento?”

se entende por Teoria da Mente, absorveu este constructo a partir do seu surgimento dentro da Primatologia e praticamente assumiu a dianteira dos estudos nesta área. O enfoque investigativo (tanto empírico quanto teórico) da psicologia do desenvolvimento sobre a Teoria da Mente, entretanto, recaiu mormente sobre aspectos da origem desta habilidade nas crianças (em que idade ela surgiu) e de seu desenvolvimento nas mesmas. Uma revisão mais detalhada do enfoque da psicologia do desenvolvimento sobre a Teoria da Mente poderá ser encontrada no artigo de Jou e Sperber (1999).

Se por um lado a psicologia do desenvolvimento se interessa em situar o momento, dentro da ontogênese humana, em que surge a Teoria da Mente, de outro lado a psicologia evolutiva se interessa em situar o momento em que esta habilidade surge dentro da escala filogenética. A psicologia evolutiva se mistura com a antropologia e com a primatologia, áreas do saber que, a um só tempo, oferecem e recebem material deste ramo da psicologia, numa relação que tem crescido em ritmo acelerado. A pergunta “Teria a Teoria da Mente surgido e evoluído antes da emergência do ser humano na Terra ou seria esta habilidade exclusiva da espécie humana?” circula em todos os ambientes em que a psicologia evolutiva se encontra. Dentro desta área da psicologia existem basicamente duas correntes de pensamento. Uma que aposta na Teoria da Mente como sendo uma inovação evolutiva muito recente e exclusiva do gênero humano, o que implica na sua emergência há alguns milhões de anos, depois que o tronco comum dos primatas se bifurcou em humanos de um lado e macacos de outro. A corrente alternativa hipotetiza que ao menos alguns aspectos da Teoria da Mente já existiam antes do surgimento das espécies humanas e poderiam, portanto, estar presentes em alguma extensão em outros primatas não-hominídeos. De acordo com esta última corrente, a Teoria da Mente teria surgido há várias centenas de milhões de anos. Mesmo esta corrente admite que, muito embora outros primatas

outras Psicoses. Como detalhar um dos objetivos deste trabalho assunto um pouco mais adiante

Aspectos Evolutivos/Filosofía Mente

Este constructo permite cada consciência que é especialista em funções instrumentais e sociais. Na última análise, foi o princípio da manutenção e superioridade dos outros seres vivos (Povinek, 1996). O recurso cognitivo, o ser humano pode sofisticar as relações e a comunicação, habilitando-o a entender artifícios como a ironia, a dissimulação, a falsidade. Com base nesta habilidade, ao *Homo sapiens* prever que os outros irão formando a seu respeito. O pensamento prévio e as previsões são fundamentais para a decisão crítica numa situação de risco, graças ao poder que a Teoria do *sapiens* pôde dominar grupos ou organizações, recursos cognitivos com a intenção de desenhar e planejar estratégias para antecipar as possibilidades de riscos e presas, entre outras coisas.

Vários estudos sugerem que os homínídeos mais evoluídos (como o bonobo e do gorila) apresentam uma Teoria da Mente, muito mais precária que a humana (Povinelli & Preuss, 1995). Assim, que a Teoria da Mente não é um fenômeno tudo-ou-nada, isto é, existe ou inexiste. Antes, é uma teoria evolutiva que foi progressivamente aprimorada ao longo de milhares de anos de evolução, com a introdução de novas estruturas cerebrais e comportamentais.

segundo os autores do trabalho, uma capacidade do animal em: a) reconhecer que a apresentação no vídeo representava um problema a ser solucionado; b) entender a intenção do ator; c) escolher alternativas compatíveis com esta intenção. Fica claro, portanto, para estes autores, que o chimpanzé domina alguns aspectos cognitivos diretamente relacionados à existência de uma Teoria da Mente. Este trabalho pavimentou o caminho para vários outros evolucionistas que a partir de então se interessaram pelo debate a respeito da existência ou não de uma Teoria da Mente entre os primatas não hominídeos.

Em um outro estudo de primatologia, conduzido por Povinelli e Preuss (1995) com utilização de metodologia desenvolvida por Gallup (1970) e que consistia em posicionar chimpanzés defronte um espelho no intuito de observar, em diferentes contextos e variações, a capacidade de auto-reconhecimento e de utilização adequada da qualidade reflexiva do espelho pelos primatas (para a identificação de manchas coloridas colocadas pelos pesquisadores em locais do corpo destes animais que fossem inacessíveis à visão direta), constatou-se que os mesmos foram capazes de se reconhecerem na imagem refletida pelo espelho, bem como de se utilizarem do mesmo para a investigação de partes do corpo inacessíveis à observação direta. Os autores interpretaram tais achados como sendo indicativos da existência da Teoria da Mente nestes animais, uma vez que estes, para um correto reconhecimento da própria identidade, necessitariam fazer uma adequada separação “eu - não eu” e, assim fazendo, pressupõe-se que consigam reconhecer a existência de uma outra individualidade/consciência que não a própria e, portanto, estariam aptos a reconhecer os estados mentais dos outros, isto é, a utilizar a Teoria da Mente.

Whiten e Byrne (1991) também defendem a existência da Teoria da Mente em chimpanzés, porém utilizando-se de uma outra metodologia e se amparando na observação de que a habilidade de fazer-de-conta, como registrada nestes animais, corresponderia, em termos cognitivos, à capacidade de elaborar representações da Teoria da Mente.

de que nesta idade já está manifestada “compartilhada”, um dos subcomponentes que seriam imprescindíveis para a existência da Teoria da Mente. Já segundo Wimmer e Perner (1983), em que se analisa a habilidade de representar a relação entre si de duas ou mais pessoas emerge e se desenvolve entre os 4 até os 6 anos de idade. Roazzi e Vassalli (1998), estudando crianças brasileiras, defendem que entre os 4 e os 5 anos de idade, é possível observar cinco anos que a criança adquire esta capacidade, com suas respectivas discrepâncias provavelmente refletindo a aplicação de diferentes métodos que estariam dependentes de habilidades cognitivas diversas da mesma Teoria da Mente. Ainda assim, surjam em momentos diversos do desenvolvimento.

Na dependência do autor que se enfoque, as habilidades na criança que parecem atestarem a existência da Teoria da Mente. De acordo com Leslie (1987), as habilidades que surgem na infância, como a de fingir num contexto de uma brincadeira (como numa brincadeira de “faz-de-conta”), emergir apenas quando a capacidade de se reconhecer a mente dos outros já se encontra sedentada. Segundo Wimmer e Penner (1983), um indicador da existência da Teoria da Mente nas crianças seria sua capacidade de discernir entre situações falsas e reais, nas tarefas de crenças falsas. Para Brett e Patterson (1982), o indicador da Teoria da Mente é a capacidade de usar os verbos mentais, tais como: acreditar, querer, conhecer, etc. Para Wellman (1988), o indicador da existência da Teoria da Mente é a capacidade de diferenciar estados físicos concretos de estados mentais abstratos (que pode ser tocado e o abstrato só pode ser pensado). Paire ainda a dúvida se tais habilidades surgem diretamente do incremento cognitivo que ocorre pelo surgimento da Teoria da Mente ou se são meros epifenômenos (se for o caso de que a existência da Teoria da Mente é resultado de habilidades e a Teoria da Mente).

Piaget talvez tenha sido o primeiro a questionar a existência de uma perspectiva moderna, a questão da existência da Teoria da Mente, de acordo com Giorgi (1989), que considera que a existência da Teoria da Mente

desenvolvimento infantil) em favor do “outro” (não necessariamente outro indivíduo, mas a consideração de uma outra realidade, que não a própria), superando assim a saliência mental de seu próprio conhecimento, assimilando finalmente que o objeto não é mais o que aparenta ser. São justamente as perspectivas social, intelectual e física pessoais e egocêntricas que a criança utiliza, por exemplo na solução de problemas, que distorcem a realidade, justificando sua falha na execução de determinados testes.

Outras Pesquisas em Teoria da Mente

Apenas recentemente pesquisadores brasileiros têm se interessado pelo tema, o que não impediu que trabalhos (teóricos ou empíricos) muito bem conduzidos tenham surgido. Jou e Sperb (1999), por exemplo, fizeram cuidadosa revisão da maneira como diferentes correntes do pensamento psicológico abordam a Teoria da Mente. Dias (1993) e Dias, Soares e Sá (1994) se concentram na abordagem da psicologia do desenvolvimento sobre a Teoria da Mente e, de acordo com este referencial, se interessam em questões relativas ao desenvolvimento desta habilidade em crianças. Bosa e Callias (2000) sistematiza as diferentes abordagens teóricas no estudo do Autismo Infantil e entre elas faz referência à concepção que destaca esta doença como relacionada a um distúrbio na Teoria da Mente, enquanto que Kuczynski e Assumpção (1998) endereçam exclusivamente a relação do Autismo com o prejuízo na Teoria da Mente, também através de uma revisão teórica do tema. Roazzi e Santana (1999), em um trabalho empírico, também dentro de uma abordagem da psicologia do desenvolvimento, investigam a idade de aquisição da Teoria da Mente entre crianças entre quatro e cinco anos utilizando-se da tarefa da falsa crença e constatam que é a partir dos cinco anos que a criança adquire esta habilidade, questionando a extração dos dados da literatura estrangeira (que situa as crianças na idade de quatro anos como já possuidoras desta habilidade) para a nossa realidade. Para uma revisão

Cohen, 1989, 1996; Baron-Cohen, Ring, Moriarty Corcoran, 1996), ao enquadrar a Teoria da Mente como o cerne em torno do qual se articulam as causas e os efeitos comportamentais do Autismo. Pouco depois, outros autores tentaram explicar a natureza das alterações nos Transtornos Delirantes (Charlton,

Frith e Corcoran (1991) e, anteriormente, sugeriram que a dificuldade de representação (um dos aspectos da deficiência, seja, a representação da realidade ou a possibilidade de manipular mentalmente as representações) pode ser responsável por sintomas esquizofrênicos e, portanto, no centro de seu modelo explicativo, o déficit cognitivo:

1) A consciência deficitária, que é a base da representação, poderia levar à redução e deformação da realidade, teria sua tradução clínica na síndrome dos distúrbios de comunicação;

2) A consciência deficitária, que é a base da representação, poderia gerar um déficit na memória, que também poderia ocasionar efeitos que teriam sua tradução clínica na síndrome dos distúrbios de comunicação, numa síndrome de déficit auditivas;

3) De modo similar, a consciência deficitária, que é a base das intenções de outras pessoas, poderia levar à síndrome delirante de perseguição e au-

Estas impressões, ainda que não consideradas bastante especiais, têm um sólido embasamento empírico, o que indica a dificuldade embutida na incorporação da Teoria da Mente pelas ciências médicas, dificuldade que também lida com tal construção. Hardy-Baylé (1999) sintetizou essas observações:

Quanto à primeira questão, temos que diversos grupos de pesquisa têm utilizado diferentes metodologias para testarem o conceito de atribuição de intenções. Assim, alguns autores (Doody, Gotz, Johnstone, Frith & Owens, 1998; Frith & Corcoran, 1996) usam pequenas histórias, envolvendo meta-representações, contadas aos pacientes e depois analisadas na forma como o elemento meta-cognitivo foi ou não incorporado. Já Baron-Cohen, Leslie e Frith (1986) utilizam histórias cômicas em quadrinhos (sem material verbal) para se evitar algum viés relacionado aos prejuízos de linguagem e também relacionado a trocas verbais de informações entre o pesquisador e o pesquisado na ocasião da apresentação do teste. Gallup (1970) e Povinelli e Preuss (1995) têm utilizado a observação do comportamento de auto-reconhecimento de chimpanzés diante de um espelho como protocolo para se estudar a Teoria da Mente nestes animais. Estes autores hipotetizam que a capacidade destes primatas de reconhecerem a própria identidade na imagem refletida pelo espelho requer, a princípio, que estejam habilitados a se diferenciar, em um nível de meta-representação, de outras identidades e portanto a considerar a existência de outras formas de consciência que não as próprias, ou seja, manifestam capacidade para a Teoria da Mente. Gergely (1994), entretanto, questiona a teoria de que a habilidade de se reconhecer no espelho é por si mesma indicativa da capacidade para a Teoria da Mente.

Em relação à segunda questão, uma visão compartilhada pelos neuropsicólogos cognitivistas que estudam distúrbios mentais em geral e Esquizofrenia em particular é a de que as hipóteses cognitivas apenas oferecem explicações para comportamentos anormais e não para categorias diagnósticas (Hardy-Baylé, 1999). Neste sentido, alguns autores tentaram relacionar déficits na Teoria da Mente com sintomas psicopatológicos específicos. Assim, Frith e Corcoran (1996) associaram o mau desempenho de pacientes esquizofrênicos em tarefas que testam alguns aspectos da Teoria da Mente à: 1) presença de sintomatologia

Doody e colaboradores (1998), estudando no caso da Esquizofrenia. A habilidade depende do arrolamento, sistematização de uma série de pistas fornecidas em cada caso. A perfeita orquestração de todo este trabalho, sobretudo de como o sujeito tem acesso ao conhecimento de si mesmo e ao conhecimento do outro com toda a rede de contextos que demanda, ou seja depende de sua Teoria. A intensidade desta falta de tato social serve para medir o grau de comprometimento da Teoria apresentado pelo indivíduo. Os delírios paranoides também podem ser entendidos como fenômenos originados a partir de prejuízos mentais. Mente, uma vez que na base destes delírios se encontra a incapacidade de acessar eficazmente o conhecimento dos outros, atribuindo-lhes assim pensamentos sedutores (no caso da paranoia) ou ofensivos/ameaçadores (no caso dos delírios). Charlton e McClelland (1999), de maneira similar, defendem que os distúrbios delirantes são resultado de um contexto de processamento cognitivo patológico (incluindo uma Teoria da Mente) e que as falsas convicções que os caracterizam são desdobramento natural de mecanismos operando num determinado tipo de pensamento, nas circunstâncias sociais específicas. De acordo com estes autores, os distúrbios delirantes são, portanto, resultado de um raciocínio lógico a partir de premissas que resultam do estado mental de outros indivíduos.

Quanto à terceira questão, o suporte teórias que associam a Teoria da Mente neuroanatômica específica ainda é escasso, os estudos que a associam a lesões frontais McGlynn e Schacter (1989), Prigatano e Caixeta (2000). Estudos de neuroimaging realizados no momento em que indivíduos testados em tarefas relacionadas à TMA demonstraram que o córtex frontal parietal envolvia a habilidade de

sensações corporais, resolveu-se denominar o fenômeno como “Mecanismo do Marcador Somático” (em grego, *soma* significa corpo e *somático* significa aquilo que pertence ao corpo). O termo “marcador somático” se justifica porque as reações corporais que o indivíduo experimenta num determinado momento “marcam” um estado somático que logo dará ensejo e será traduzido numa representação mental de si e depois do outro. Como exemplo, poderíamos dizer que se um estranho nos aborda à noite e nos induz uma resposta emocional de medo (desencadeando reações somáticas/neurovegetativas como sudorese, taquicardia), nós tendemos a interpretá-lo (e portanto estaremos usando a Teoria da Mente para termos acesso ao estado mental deste desconhecido) como alguém que quer nosso mal e que de alguma forma nos ameaça (já que ele nos provocou medo). Traduzindo então na linguagem de Damásio o que aconteceu, poderíamos dizer que a presença (objetiva ou subjetiva) de uma outra pessoa nos induz um estado somático particular que por sua vez estará atrelado, ou melhor, marcará uma determinada reação emocional (boa ou ruim, dependendo inclusive do tipo de estado somático que foi gerado), reação emocional esta que guiará uma leitura (prazer ou ameaçadora) do próprio estado mental, bem como, na sequência, das intenções, desejos, pensamentos da outra pessoa. Todo este processo redundará, portanto, no que reconheceremos como Teoria da Mente. A função da ligação percepção-emoção na Teoria da Mente, segundo esta visão, seria avaliar o significado de situações sociais modeladas internamente.

Parece claro que na medida em que cada uma das três questões supracitadas forem sendo mais apropriadamente respondidas (o que irá gerar metodologias que poderão mensurar e definir mais objetivamente a Teoria da Mente), tornar-se-á mais confortável, dentro de uma perspectiva mais científica, lançarmos mão do constructo para compreendermos fenômenos mentais que até o presente não se serviram da psicologia cognitiva para o esclarecimento de suas origens.

experimentada pelos pacientes experimentais dos outros (ou seja, difíceis de imputando estados mentais falsos, por exemplo, achar que a mãe queria ir embora, McClelland, 1999). Também é a convicção falsa de que determinada pessoa (apaixonada pelo paciente) pode ter o caso dos delírios paranoides, resultantes de prejuízos na Teoria da Mente.

Referências

- Baron-Cohen, S. (1989). The autistic child's specific development delay. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 30, 285-297.
- Baron-Cohen, S. (1996). *Mindblindness: An essay on autism and normal cognitive development*. Cambridge, Massashusetts, MIT Press.
- Baron-Cohen, S., Leslie, A. & Frith, U. (1986). Does the autistic child have a "theory of mind"? *Cognition*, 21, 37-46.
- Baron-Cohen, S., Leslie, A. & Frith, U. (1999). How do we know that children with autism fail to "understand the mind"? Evidence from normal children. *British Journal of Developmental Psychology*, 17, 131-149.
- Baron-Cohen, S., Ring, H., Moriarty, J. & Baron-Cohen, S. (1997). Mindreading in autism: A neuroimaging study of normal adult subjects. *Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry*, 61, 640-649.
- Bosa, C. & Callias, M. (2000). Autismo e demência: A revisão da literatura. In: C. Bosa & M. Callias (Eds.), *Autismo e demagens*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 13(1), 1-10.
- Bretherton, I. & Beeghly, Y. M. (1982). The acquisition of an explicit theory of mind. *Journal of Child Language*, 9, 906-921.
- Caixeta, L., Simone, A. & Nitrini, R. (1999). Neuropsicopatologia da demência: A study of 5 cases [Abstract]. In: Congresso Brasileiro de Neurociências, 9(4), 690.
- Caixeta, L. (2000). Neurobiologia e fisiologia da consciência na demência frontotemporal. Tese de Doutorado em Ciências da Saúde, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Charlton, B. G. & McClelland, H. A. (1999). The relationship between memory and delusional disorders. *Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry*, 61, 640-649.
- Damasio, A. R. (1995). Towards a neuropsychological theory of the self. In: A. R. Damasio (Ed.), *Operational concepts and hypotheses in the study of the self*. Oxford, UK: Clarendon Press.
- Damasio, A. R. (1996). *O erro de Descartes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Delay, J. & Pichot, P. (1982). *Manual de Psychopathologie*. Paris: Masson.
- Dias, M. G. B. B. (1993). O desenvolvimento da teoria da mente. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(1), 1-10.
- Dias, M. G. B. B., Soares, G. B. & Sá, J. C. (1999). Teoria da mente: Uma revisão com enfoque na sua incorporação. In: C. Bosa & M. Callias (Eds.), *Autismo e demagens*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 13(1), 1-10.

- Guttenplan, S. (1996). *A companion to the philosophy of mind*. Oxford, Blackwell.
- Hardy-Baylé, M. C. (1999). Theory of mind: Experimental validation and place in the neuropsychology of schizophrenia. *Medicographia, 20*, 95-100.
- Heyes, C. M. (1998). Theory of mind in nonhuman primates. *Behavioral and Brain Sciences, 21*, 101-48.
- Jou, G. I. & Sperb, T. M. (1999). Teoria da mente: Diferentes abordagens. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 12*, 287-306.
- Kuczynski, E. & Assumpção, F. B. (1998). Autismo e teoria da mente: Aspectos e tendências. *Vitrô Psiquiatria, 2*(2), 51-55.
- Leslie, A. (1987). Pretense and representation: The origins of theory of mind. *Psychological Review, 94*, 412-426.
- Marchais, P. (1970). *Glossaire de Psychiatrie*. Paris: Masson.
- McGlynn, S. M. & Schacter, D. L. (1989). Unawareness of deficits in neuropsychological syndromes. *Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology, 11*, 143- 205.
- Piaget, J. (1929). *The child's conceptions of the world* (Jonh & Andrew Tomlinson, Trad.). London: Kegan Paul. (Original publicado em francês, em 1926)
- Porot, A. (1977). *Diccionario de Psiquiatria*. Barcelona: Editorial Labor S.A.
- Povinelli, D. J. & Preuss, T. M. (1995). Theory of mind: Evolutionary history of a cognitive specialization. *Trends In Neurosciences, 18*, 418-424.
- Premack, D. & Woodruff, G. (1978). Does the chimpanzee have a "theory of mind"? *Behavioural and Brain Sciences, 4*, 515-26.
- Prigatano, G. P. & Schacter, D. L. (1991). Introduction. Em G. P. Prigatano & D. L. Schacter (Orgs.), *Awareness of deficit after brain injury: Clinical and theoretical issues* (pp. 3-16). New York, Oxford University Press.
- Roazzi, A. & Santana, S. M. (1999). Teoria da mente, sexo e do uso de atores animados e inanimados em estados mentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 12*, 1-10.
- Wellman, H. M. (1988). First steps in the child's theory of mind. Em J. W. Astington, P. L. Harris & D. R. Olson (Eds.), *Development of theories of mind* (pp. 64-92). Cambridge: Cambridge University Press.
- Whiten, A. & Byrne, W. (1991). The emergence of human ontogeny and primate phylogeny. Em A. Whiten & Byrne (Eds.), *Theories of mind* (pp. 19-38). Oxford: Blackwell.
- Widlocher, D. & Hardy-Baylé, M. C. (1989). Cognition in psychopathology. *European Bulletin of Psychology of Medicine, 10*, 583-615.
- Wimmer, H. & Perner, J. (1983). Beliefs about beliefs: On the (non)constraining function of wrong beliefs in children's understanding of deception. *Cognition, 13*, 103-128.

Sobre os autores

Leonardo Caixeta é Professor Adjunto Doutor de Neuroanatomia da Universidade Federal de Goiás. Mestre e Doutor em Neurologia pela Faculdade de Medicina da USP. Especialista em Psiquiatria pela USP. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicobiologia Humana da UFG. Membro do Grupo de Neurologia Cognitiva e do Comportamento do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da USP.

Ricardo Nitrini Professor Associado do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina